



Manual para o Professor

Dicas para o dia-a-dia



Adaptado de:

dislexia
DAYBYDAY

A dislexia - a definição técnica

A definição mais abrangente é a disponibilizada pela Associação Internacional de Dislexia, estabelecida em 2002, que refere que:

*“A Dislexia é uma **dificuldade de aprendizagem específica** de origem **neurobiológica**. É caracterizada por dificuldades no **reconhecimento preciso e/ou fluente** de palavras e por uma reduzida **competência ortográfica** e **habilidades de decodificação**. Estas dificuldades tipicamente resultam de um **défice na componente fonológica** da linguagem, que é inesperada em relação às outras competências cognitivas e às condições educativas proporcionadas. Consequências secundárias podem incluir problemas na **compreensão da leitura** e uma **reduzida experiência leitora**, que pode condicionar o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais”.*

A dislexia tem cura?

Sendo uma perturbação do neuro desenvolvimento, não tem cura nem desaparece com o tempo. Não é uma doença! É uma condição crónica para o resto da vida.

Nunca é demais referir que **esta incapacidade nada tem a ver com o nível intelectual ou cognitivo da criança, com problemas oftalmológicos e muito menos com preguiça, a que estas pessoas são recorrentemente associadas.**

Assim, as pessoas com dislexia podem ter várias limitações no processo de leitura-escrita, mas tendem a ser rápidos no processamento de informação e na resolução de problemas (quando não associados com assuntos de sala de aula).

As dificuldades académicas são diferentes das apresentadas pelas outras crianças?

Não. As crianças disléxicas apresentam dificuldades de aprendizagem semelhantes às de crianças não disléxicas, mas para se suspeitar de dislexia, para além de terem de estar presentes algumas das dificuldades abaixo referidas (como indicado pelo manual DSM-5), estas têm de ter persistido por pelo menos 6 meses, apesar de se ter adaptado e realizado intervenções dirigidas a essas mesmas dificuldades.

1. Leitura de palavras de forma imprecisa ou lenta e com esforço (p. ex., lê palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta ou lenta e hesitante, frequentemente adivinha palavras, tem dificuldade de soletrá-las).

2. Dificuldade em compreender o significado do que lê (p. ex., pode ler o texto com precisão, mas não compreende a sequência, relações, inferências ou significados mais profundos do que é lido).

3. Dificuldades em soletrar (p. ex., pode adicionar, omitir ou substituir vogais e consoantes).

4. Dificuldades com a expressão escrita (p. ex., comete múltiplos erros gramaticais ou de pontuação dentro das frases; emprega uma organização inadequada de parágrafos; expressão escrita de ideias com pouca clareza).

5. Dificuldades para dominar o sentido dos números, factos numéricos ou cálculo (p. ex. pobre entendimento dos números, sua magnitude e relações; conta com os dedos para adicionar números de um dígito em vez de lembrar o facto matemático; perde-se no meio de cálculos aritméticos e pode trocar procedimentos).

6. Dificuldades no raciocínio matemático (p. ex., tem grave dificuldade em aplicar conceitos, factos ou procedimentos matemáticos para resolver problemas quantitativos).

Todas as crianças apresentam as mesmas dificuldades?

A dislexia tem manifestações diversas em diferentes pessoas, por isso os sintomas podem não ser os mesmos de pessoa para pessoa ou manifestarem-se de formas diversas.

O sinal de alerta mais puro é a incapacidade em descodificar palavras, ou seja, em as ler. Outro dos sinais é a reduzida consciência fonológica, ou seja, reduzida capacidade para reconhecer e identificar (e, posteriormente, manipular) os diferentes sons (fonemas) numa palavra.

Apresentam também dificuldade na retenção de informação verbal na memória de curto prazo e de trabalho.

As crianças e os adultos com dislexia revelam muita dificuldade em ler de forma fluente, em decompor palavras em letras, em compreender o que leram e em aprender uma segunda língua. A sua leitura é muito hesitante, com imprecisões frequentes, o que também leva a fraca competência escrita – seja na presença de erros ortográficos, como na pobre produção de frases e textos.

Mas as manifestações da dislexia podem mudar (não desaparecer!) durante o desenvolvimento da criança, mediante o sucesso do processo de intervenção e competências adquiridas.

Qual a causa da dislexia?

As causas da dislexia ainda não são totalmente conhecidas. Porém, já se sabe que:

“A origem biológica inclui uma interação entre fatores genéticos, epigenéticos e ambientais os quais afetam a capacidade do cérebro de perceber e processar informação verbal e não verbal de forma eficiente e precisa. (DSM-5)

1) a genética - É muito provável que filhos de adultos com dislexia também apresentem a mesma perturbação, assim como entre irmãos existe esta mesma probabilidade. Já existem alguns genes identificados que estão associados ao diagnóstico de dislexia.

2) as alterações neuroanatómicas são duas das possíveis causas – O cérebro das crianças e dos adultos com dislexia tende a apresentar diferenças dos cérebros de pessoas sem dislexia. Essas diferenças refletem-se na reduzida atividade neuronal em áreas cerebrais que estão envolvidas nas tarefas de leitura (análise e representação fonológica de palavras; reconhecimento de palavras).

Existem diferentes estudos científicos que apontam para uma prevalência desde os 5% até aos 20% de casos na população. Em média, isto traduz-se na possibilidade muito forte de, pelo menos, um aluno por turma ter dislexia. Esses alunos, além de revelarem dificuldades associadas à dislexia, tendem a evitar tarefas relacionadas com a leitura (tanto em voz alta, como para si próprios), ficam ansiosos e/ou frustrados nesses mesmos momentos.

Quando se deve diagnosticar a dislexia?

A leitura é um processo muito complexo que obriga o nosso cérebro a realizar correspondências eficazes entre letras e sons. Mais do que isso, esses sons devem ser reproduzidos na ordem esperada, de forma que as palavras se construam e se conectem em frases e parágrafos que possam ser lidos e compreendidos.

As pessoas com dislexia apresentam obstruções significativas em fazer corresponder as letras que vêm numa página, com os sons que as mesmas podem representar. Sendo esta uma das tarefas mais elementares no processo leitor, é expectável que tarefas mais exigentes sejam ainda mais complicadas e difíceis de realizar para quem tem dislexia.

A dislexia não é “a doença da moda”, muito menos “um dom”. É uma incapacidade notória que impacta não só o perfil académico da criança como a sua autoestima, o seu autoconceito académico e com efeitos sistémicos importantes, principalmente junto do agregado familiar.

Todavia, se o diagnóstico for precoce, as medidas e os apoios ativados desde cedo, é muito provável

que o impacto da dislexia seja muito menor ao longo do percurso acadêmico profissional destas pessoas.

Sendo uma perturbação específica da aprendizagem da leitura e da escrita, é necessário que o tempo de aprendizagem da mesma tenha sido cumprido. O que não invalida uma avaliação, intervenção e adaptação curricular se necessário **antes do final do segundo ano**.

A abordagem em sala de aula às crianças com dislexia: Como ajudar?

a. A importância do papel dos professores

O papel do Docente de Educação Especial (DEE) tem como enfoque o trabalho colaborativo com os diferentes intervenientes do processo educativo do aluno (estruturas da escola, como a EMAEI, apoio aos professores titulares e diretores de turma, família e recursos da comunidade), assim como o apoio direto ao aluno.

Os professores em sala de aula têm uma grande importância no apoio aos alunos disléxicos, contribuindo com as seguintes atitudes:

- **Tratar o aluno disléxico com naturalidade.** Ele é um aluno como qualquer outro; apenas, disléxico. A última coisa para a qual o diagnóstico deveria contribuir seria para (aumentar) a sua discriminação.
- **Usar linguagem direta, clara e objetiva quando falar com ele.** Muitos disléxicos têm dificuldade para compreender uma linguagem (muito) simbólica, sofisticada, metafórica. Seja simples, utilize frases curtas e concisas ao transmitir as instruções.
- **Falar olhando diretamente para ele.** Isso ajuda, e muito. Enriquece e favorece a comunicação, criando empatia e uma ligação de confiança.
- **Colocar o aluno perto do quadro e da mesa do professor.** Tê-lo próximo do quadro ou da mesa de trabalho do professor, pode favorecer o diálogo, facilitar o acompanhamento, facultar a orientação, criar e fortalecer novos vínculos.
- **Verificar sempre e discretamente se ele demonstra estar a entender a sua exposição.** Ele tem dúvidas a respeito do que está a ser abordado na sua aula? Ele consegue entender o fundamento, a essência, do conhecimento que está a ser tratado? Ele está a acompanhar o raciocínio, a explicação, os factos? Repita sempre que for preciso e apresente outros exemplos, se for necessário.
- **Certificar-se de que as instruções para determinadas tarefas foram compreendidas.** O quê, quando, onde, como, com o quê, com quem, em que horário, etc. Não economize tempo para

constatar se ficou realmente claro para o aluno o que se espera dele.

- **Observar discretamente se ele fez as anotações do quadro e de maneira correta antes de o apagar.** O disléxico tem um ritmo diferente dos não-disléxicos, portanto, evite submetê-lo a pressões de tempo ou competição com os colegas.
- **Observar se ele está a integrar-se com os colegas.** Geralmente, o disléxico angaria simpatias entre os companheiros. As suas qualidades e habilidades são valorizadas, o que lhes favorece o relacionamento. Entretanto, sua inaptidão para certas atividades escolares (provas a dois, trabalhos de grupo, etc.) pode levar os colegas a rejeitá-lo nessas ocasiões. O professor deve evitar situações que evidenciem esse facto.

Com a devida distância, discreta e respeitosamente, deve contribuir para a inserção do disléxico no grupo-turma.

- **Estimular, incentivar, fazê-lo acreditar em si, sentir-se forte, capaz e seguro.** O disléxico tem sempre uma história de frustrações, sofrimentos, humilhações e sentimentos de menos valia, para a qual a escola deu significativa contribuição. Cabe, portanto, a essa mesma escola, ajudá-lo a resgatar a sua dignidade, a fortalecer seu ego, e a (re) construir sua autoestima.
- **Sugerir-lhe “dicas”, “atalhos”, “jeitos de fazer”, “associações” ...** que o ajudem a lembrar-se de, a executar atividades ou a resolver problemas.
- **Não lhe pedir para fazer coisas na frente dos colegas, que o deixem envergonhado,** principalmente ler em **voz alta**.
- **Em geral, o disléxico tende a lidar melhor com as partes do que com o todo.** Abordagens e métodos globais e dedutivos são-lhe de difícil compreensão. Apresente-lhe o conhecimento em partes, de maneira indutiva.
- **Permitir, o uso de gravador, tabuada, máquina de calcular, recursos da informática, ...**

b. Que dificuldades sentidas pelos alunos com dislexia, podem ser um sinal de alerta para o professor?



Na leitura

- Dificuldades na aquisição e desenvolvimento do automatismo na leitura;
- Leitura silabada, hesitante e com muitas incorreções;

- Precisão e velocidade da leitura inferiores ao esperado para a idade e nível escolar;
- Dificuldade na leitura de palavras irregulares e pouco frequentes;
- Dificuldades na compreensão de textos e enunciados lidos;
- Dificuldades no processamento fonológico: consciência fonológica, codificação fonológica e recuperação dos códigos fonológicos;
- Dificuldade na descodificação de letras ou sílabas com trocas fonológicas e lexicais: o- u; p-t; b-v; s-ss-ç; s-z; f-t; m-n; f-v; g-j; ch-x; x/ch-j; z-j; nh-lh-ch; ão-am; ão-ou; ou-on; au-ao; ai-ia; per-pre;
- Substituição de palavras por outras de estrutura similar, com significado diferente (saltou-salvou).



Na escrita

- Dificuldades na escrita, na fase de iniciação e ou de desenvolvimento;
- Dificuldade na associação do som ao desenho da letra;
- Dificuldade na rechamada de palavras;
- Utilização de vocabulário restrito;
- Presença de muitos erros ortográficos e sintáticos;
- Frases com palavras unidas ou separadas;
- Palavras com letras ou sílabas repetidas, ou colocadas antes ou depois do lugar correto;
- Omissão ou adição de letras e sílabas (ex: livro-livo; batata-bata; flor-felore;);
- Ligação ou separação de palavras ou sílabas (às vezes-àsvezes; agora-a gora);
- Confusão de letras com sons próximos ou com desenho equivalente;
- Presença de erros de concordância em gênero e número ou tempo verbal;
- Não domina o uso de regras de pontuação;
- Desrespeita regras gráficas (uso da cedilha, do hífen, traços, letra maiúscula) ou de translineação;
- Dificuldade em exprimir as suas ideias, em iniciar e desenvolver uma composição;
- Dificuldade na organização das ideias no texto;

- Má qualidade da caligrafia, letra rasurada, e irregular.

É de salientar que muitos alunos com dislexia também revelam grandes **problemas de atenção**, para os quais os professores também devem estar desportos. Destacam-se os seguintes:

- Quebra do nível de atenção e concentração;
- Distração com qualquer estímulo auditivo e visual;
- Defeito na fixação da atenção em elementos-chave das mensagens orais e escritas (perder-se no discurso), na receção ou expressão;
- Confusão na memória imediata e de trabalho;
- Receção da mensagem informativa alterada ou anulada.

c. Como pode o professor adaptar o seu ensino?

O professor é peça chave no ensino da leitura e da escrita, bem como o elemento-chave para identificar as dificuldades destes alunos.

A aprendizagem deve ser feita de modo multissensorial, com treino sistemático e cumulativo, permitindo à criança integrar e memorizar a informação.

A aprendizagem de todos os conteúdos deve ser feita através de um ensino explícito dos conhecimentos.

A criança deve rever frequentemente todos os conteúdos de modo que se possa garantir que a aprendizagem dos mesmos tenha sido efetuada, e que a criança automatizou as competências.

Testes: Como é que o professor pode adaptá-los?

Existem várias adaptações que podem ser postas em prática para ajudar os alunos disléxicos e que vão ser diferentes de criança para criança. A adaptação pode ser feita:

- No aspeto gráfico;
- Na estrutura dos enunciados;
- No modo de aplicação;
- Nos critérios de correção.

a.

Aspeto gráfico

- Imprimir os textos em folha à parte e sem questões impressas no verso;

- Alterar o tipo de letra (as letras separadas são mais fáceis de serem lidas, o que evita confusões, optando por fontes sem serifa (Arial, Helvetica, Calibri);
- Alterar o tamanho da letra (no mínimo 12);
- Evitar o espaçamento simples entre linhas (no mínimo espaçamento 1,5);
- Alinhar o texto à esquerda: o leitor disléxico, quando vê um texto que enche a página, nota os espaços irregulares e isso faz com que se perca na leitura;
- Evitar textos pretos em fundos brancos, pois isso aumenta a percepção de letras “saltando”, optando, se possível, por tons de cinza;
- Evitar cores muito próximas entre o fundo e o texto;
- Aumentar o espaçamento entre os enunciados;
- Evitar estímulos distratores na folha de prova;
- Reduzir o número de perguntas por página;
- Destacar as palavras-chave da instrução, colocando-as a negrito ou sublinhando-as, por exemplo.

b.

Estrutura dos enunciados/exercícios

- Utilizar linguagem direta e objetiva nas perguntas e enunciados;
- Fazer perguntas curtas;
- Fazer perguntas predominantemente fechadas;
- Eliminar perguntas encadeadas, cuja resposta depende de uma anterior;
- Eliminar perguntas com muita informação contextual;
- Repartir enunciados com muita informação em diferentes etapas/alíneas;
- Evitar, nas perguntas de escolha múltipla, que a diferença entre as várias opções seja subtil ou apenas com *“pequenas nuances”*;
- Colocar ao lado da instrução, exemplos de como se realizam os exercícios solicitados.

c.

Modo de aplicação

- Beneficiar de leitura do teste;
- Ajustar o tempo de realização do teste;
- Subdividir a prova;
- Confirmar, ao longo do teste, se o aluno está a compreender os enunciados, fornecendo algumas ajudas e orientações, garantido que a elaboração da resposta não está a ser afetada pela compreensão do que lhe é pedido;
- Certificar-se, no decorrer do teste, que o aluno está a ler as perguntas de forma correta e na sua totalidade;
- Disponibilizar, sempre que possível, juntamente com o teste, um glossário de conceitos ou

definições importantes para a realização do mesmo.

d.

Critérios de correção

- Despenalizar os erros ortográficos;
- Valorizar o conteúdo das respostas em detrimento da forma;
- Contabilizar, na resolução de problemas, não só o resultado, mas também o raciocínio efetuado.

Para uma melhor referência, o que pode o professor avaliar?

Se a criança não automatizou a aprendizagem e não ultrapassou a(s) dificuldade(s), se tem mais não do que “sins”, é importante a avaliação por um técnico de saúde, um terapeuta da fala ou um psicólogo. Deixamos uma *checklist* com itens que podem ajudar o professor na identificação/referência das dificuldades observadas, possibilitando que o processo se torne mais rápido.

Aluno:		
Data:	Ano/turma:	
Lista de parâmetros a avaliar	Sim	Não
Lateralidade definida		
Entende facilmente instruções simples		
Entende facilmente instruções coordenadas		
Consegue transmitir recados		
Consegue explicar-se claramente		
Dificuldade na evocação da palavra		
Motricidade fina		
Faz boa pega do lápis/caneta		
Faz produção de haste, círculo e semicírculo		
Rimas		
Produção de rima		
Identificação de rima		
Fonemas e grafemas		
Reconhecimento dos fonemas		
Reconhecimento dos grafemas		
Sílabas		
Produção de sílaba		
Identificação de sílaba		
Manipulação de sílaba		
Subtração de sílaba		
Adição de sílaba		
Divisão silábica		
Fonemas		
Produção de fonema		
Identificação de fonema		
Manipulação de fonema		

Subtração de fonema		
Adição de fonema		
Soletração		
Alfabeto		
Conhecimento do alfabeto verbal		
Reconhecimento do alfabeto escrito		
Regista o alfabeto escrito sozinho		
Léxico		
Uso de vocabulário adequado para a idade		
Recorda palavras novas adquiridas com e utiliza de forma correta		
Confunde o significado das palavras		
Troca o nome dos objetos		
Leitura		
Ansiedade em ter de ler em voz alta		
Leitura silabada		
Leitura hesitante		
Movimentos associados (pés, mãos, tronco)		
Salta linhas		
Omite palavras		
Troca palavras		
Inverte sílabas		
Entende o que foi lido com apenas uma leitura		
Velocidade de leitura (nº de palavras lidas por minuto) inferior às recomendadas para o ano letivo		
Escrita		
Separa sílabas da palavra		
Junta sílabas da palavra anterior com a seguinte		
Junta palavras		
Troca (inverte) a ordem das sílabas		

Repete sílabas		
Omite sílabas		
Troca (inverte) grafemas		
Troca (inverte) a ordem dos grafemas		
Omite grafemas		
Faz uso de sinais de acentuação		
Escreve frases sintaticamente corretas		
Escreve frases com clareza de informação		
Faz uso de sinais de pontuação		
Faz concordância do gênero, número (...)		
Faz concordância do tempo verbal		
Compreensão de texto		
Entende o que lê		
Retira informação pertinente do texto lido		
O tipo de texto influencia a sua compreensão		
Faz inferência sobre o que foi lido		

Em anexo, um exemplo da Ficha A, o instrumento de apoio para classificação de provas e exames nas situações de dislexia indicado pelo Ministério da Educação, onde se encontram categorizadas as alterações aos padrões de escrita já identificadas pela ciência e pela investigação, de forma a que estes alunos não sejam penalizados pela sua condição, nos momentos de avaliação externa. Contudo, este instrumento deve ser também utilizado como referência para aplicação em avaliação interna.

Esperamos que este manual seja uma ajuda ao dia a dia do professor!

ANEXO III – FICHA A – APOIO PARA CLASSIFICAÇÃO DE PROVAS E EXAMES, NAS SITUAÇÕES DE DISLEXIA

FICHA A

A. LEITURA

1. Decodificação - Correspondências Grafema-Fonema (CG-F)

- 1.1. Troca de fonemas categorialmente próximos
- 1.2. Omissão de acentuação
- 1.3. Adição de acentuação
- 1.4. Omissão de fonema(s)
- 1.5. Erros de CG-F regular contextual
- 1.6. Erros na leitura de sílabas com estrutura complexa (Consoante-Consoante-Vogal/Consoante-Vogal)
- 1.7. Adição e/ou repetição de fonemas e/ou sílabas
- 1.8. Erros na leitura de dígrafos e encontros vocálicos
- 1.9. Erros na leitura de dígrafos consonânticos
- 1.10. Erros atípicos Clique ou toque aqui para introduzir texto.
- 1.11. Outros erros Clique ou toque aqui para introduzir texto.

2. Reconhecimento/Identificação das palavras

- 2.1. Troca entre fonemas cujas letras/grafemas são visualmente semelhantes
- 2.2. Troca de palavra por outra visualmente semelhante
- 2.3. Erros de CG-F irregular
- 2.4. Troca de palavra por outra adequada ao contexto semântico
- 2.5. Omissão de sílabas(s)

3. Fluência na leitura oral de frases e de textos

- 3.1. Erros de precisão
- 3.2. Baixa velocidade
- 3.3. Prosódia | Falta de Expressividade
- 3.4. Prosódia | Ritmo inadequado
- 3.5. Prosódia | Desrespeito pela pontuação

4. Compreensão em leitura

- 4.1. Vocabulário receptivo pouco vasto

B - ESCRITA

1. Codificação - Correspondências Fonema-Grafema (CF-G)

- 1.1. Troca de grafemas cujos fonemas são categorialmente próximos
- 1.2. Omissão de acentuação gráfica
- 1.3. Adição de acentuação gráfica
- 1.4. Troca de grafemas vocálicos com o mesmo valor fonémico
- 1.5. Omissão de letra(s)/grafema(s)
- 1.6. Erros de CF-G regular contextual
- 1.7. Omissão de marca de nasalização
- 1.8. Erros por desconhecimento de regras contextuais e da sílaba tónica
- 1.9. Erros por desconhecimento de regras morfológicas/morfossintáticas
- 1.10. Erros na escrita de dígrafos e encontros vocálicos
- 1.11. Erros na escrita de dígrafos consonânticos
- 1.12. Erros decorrentes de redução vocálica – omissão de vogal
- 1.13. Erros atípicos Clique ou toque aqui para introduzir texto.

2. Produção escrita de frases e de texto

- 2.1. Vocabulário pouco vasto
- 2.2. Falta de organização, coesão e/ou coerência textual
- 2.3. Construção frásica inadequada
- 2.4. Erros por falta de conhecimento morfológico/morfossintático
- 2.5. Estruturas morfosintáticas predominantemente simples
- 2.6. Carência de utilização de recursos estilísticos

C - PRODUÇÃO ORAL

- 1.4. Omissão de palavras em frases
- 1.5. Construção frásica inadequada
- 1.6. Prosódia inadequada
- 1.7. Vocabulário pouco vasto
- 1.8. Fraca articulação de ideias
- 1.9. Carência de recursos estilísticos
- 1.10. Lentidão no discurso

D - PROCESSAMENTO NUMÉRICO

- 1.1. Erros na recuperação de factos aritméticos (tabuadas)
- 1.2. Recuperação lenta de factos aritméticos
- 1.3. Contagem lenta
- 1.4. Erros de medição
- 1.5. Troca de dígitos visualmente semelhantes (leitura, cópia e/ou ditado)
- 1.6. Troca de sinais operatórios
- 1.7. Erros decorrentes de dificuldades relativas ao valor da posição do dígito
- 1.8. Dificuldades na utilização de procedimentos e algoritmos
- 1.9. Dificuldades na identificação/diferenciação de figuras geométricas
- 1.10. Falta de precisão em construções geométricas
- 1.11. Dificuldades na leitura (e interpretação) de representações simbólicas, pictóricas, tabelas e gráficos
- 1.12. Dificuldades em apresentar informação em representações simbólicas, pictóricas, tabelas e gráficos

LIGAÇÕES ÚTEIS:

- <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>
- <https://www.arlindovsky.net/wp-content/uploads/2023/04/GUIA.pdf>
- http://esfrl.edu.pt/20222023/exames/2223_Guia_Adap_jne2023.pdf
- https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual_de_apoio_a_pratica.pdf
- <https://www.dge.mec.pt/provas-e-testes-intermedios-adaptados>
- <https://www.dislex.co.pt/>
- https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl-54_faq.pdf
- <https://dislexiadaybyday.com/>
- [Conversas com a Francisca](#)



Dislexia - Manual do Professor - © 2023 by AE Guia is licensed under CC BY-NC-SA 4.0. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

DISLEXIA A DIFERENÇA FAZ O GÉNIO

FIDELIDADE
COMUNIDADE
Programa de Responsabilidade Social

Era uma vez uma miúda feliz e muito alegre, que aos 6 anos foi radiante para a escola.



Mas as palavras baralhavam-se na sua cabeça, Sentia-se confusa e com vergonha... Porque é que para os amigos era tudo tão fácil?



Os amigos riã-m-se das suas notas. Tinha dificuldades em ler, escrever e memorizar. Sentia-se muito triste e sozinha.

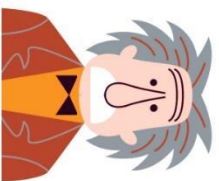
Em casa, chorava ao colo da mãe. Tinha perdido a alegria. Sentia medo de errar ao tentar ler e os livros eram os seus maiores inimigos.



Foi ao médico e afinal era muito inteligente. Era apenas disléxica. A mãe, a professora e a terapeuta da fala uniram-se para a ajudar, ensinando-a com jogos, músicas, experiências...



Como por magia... voltou a sorrir... E percebeu que não faz mal ser diferente. Afinal tem superpoderes escondidos: tem uma supercriatividade e resolve muitos problemas difíceis, porque tem muitas ideias!



Albert Einstein



Steve Jobs



Whoopi Goldberg



Walt Disney

Há muitos disléxicos ao longo da história que se tornaram grandes génios!



Mais informação em www.dislexiadaybyday.com

dislexia
DAY BY DAY

Ilustração: Tiago Albuquerque